

Interstícios habitáveis do cotidiano: possibilidades existenciais na poética humanizante de Maya Angelou

Livable interstices of everyday life: existential possibilities in the humanizing poetry of Maya Angelou

Felipe Lima Chagas (IC/UNEB-PICIN)¹

Manoel Barreto Júnior²

RESUMO: Compreende-se o cotidiano como um conjunto de atuações que, por sua vez, são realizadas repetidamente dia após dia. Conquanto, o cotidiano não se trata tão somente deste conceito, que reduz toda sua totalidade, mas também como um espaço de i(re)novação e humanização, dado que concede possibilidades de reflexões sobre cada um dos atos produzidos ao homem pós-moderno. Portanto, através disso, novas perspectivas e modos de enxergar o mundo, de pensar e fazer as coisas tomam formas dentro do cotidiano. Partindo destes aspectos, a pesquisa se propôs a analisar as tensões produzidas em torno na representação do cotidiano e suas dimensões discursivas e existenciais. Para tanto, tomou-se como ponto de convergência a representação do cotidiano, de modo a relacioná-lo à impotência e a sensação de desânimo que em poemas dispersos de Maya Angelou (1928-2014) são potencializados em perspectivas comunicacionais e ontológicas. De tal modo, buscou-se evidenciar o cotidiano, como matéria-poética através das configurações temáticas na modernidade, que articulam os interstícios e as possibilidades existenciais, que pela eficácia estética são capazes de relacionar os reflexos da vida em sua totalidade expressiva. Aspecto pelo qual o cotidiano surge como categoria sócio-histórica e, portanto, intersubjetiva - repleta de significados humanizantes, pela dicção poética angelouana.

Palavras-chave: Eficácia estética; Maya Angelou; Processo de antropomorfização; Poéticas do cotidiano.

ABSTRACT: The everyday is understood as a set of actions that, in turn, are performed repeatedly day by day. However, everyday life is not only about this concept, which reduces all of its totality, but also as a space of In(re)novation and humanization, since it provides possibilities for reflections on each of the acts produced to postmodern man. Therefore, through this, new perspectives and ways of seeing the world, of thinking and doing things take shape within everyday life. Based on these aspects, the research proposed to analyze the tensions produced around the representation of the daily life and its discursive and existential dimensions. For this purpose, the representation of everyday life was taken as a point of convergence, in order to relate it to the impotence and discouragement that in Maya Angelou's poems (1928-2014) are enhanced in communicational and ontological perspectives. In this way, we sought to highlight everyday life as a poetic material through the thematic configurations in modernity, which articulate interstices and existential possibilities, which by aesthetic effectiveness are able to relate the reflexes of life in its expressive totality. Aspect by which the quotidian appears as a socio-historical category and, therefore, intersubjective - full of humanizing meanings, by the Angelou's poetic diction.

Keywords: aesthetic effectiveness; Maya Angelou; Anthropomorphic process; Poetics of everyday.

¹ Graduando de Letras, Língua inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus II. Bolsista do programa institucional de iniciação científica. PICIN/UNEB sob a orientação; felipelcchagas@gmail.com.

² Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Lotado no Colegiado de Letras – Língua Inglesa e Literaturas, Campus II – Alagoinhas – e-mail: mbjunior@uneb.br

Este artigo se propôs a evidenciar o cotidiano e seus efeitos depressivos na sociedade (pós)moderna em poemas dispersos de Maya Angelou (1928-2014), que engrandecia constantemente essa rotina poética em seus versos, ou por meio de palavras, estrofes, tal como títulos, mas que aclamava toda a totalidade existente no cotidiano. Uma vez que o cotidiano é, e sempre foi, um espaço de inovação e de transformação para a sociedade, já que o homem somente atinge o seu maior nível de maturidade e crescimento quando enfim ele consegue viver e encarar a sua realidade cotidiana. De tal modo, assim perspectivado o cotidiano é algo muito mais abrangente, ele é a causa e efeito, na maioria das vezes, da relação do homem consigo mesmo e com as pessoas em sua volta, ou seja, das relações humanas e seus conjuntos (MAFFESOLI, 1985), muito embora, com pesar, o cotidiano tenha sido limitado a ser encarado como apenas atividades diárias.

Por este olhar, nosso objetivo será refletir sobre o cotidiano poético, o desgaste, impotente e devorador, como algo capaz de produzir maturidade suficiente ao homem, da mesma forma que dar-lhe novas visões de mundo, como agir e de se relacionar em todos os aspectos da vida. Assim essa investigação, carrega como objeto de estudo esse cotidiano que evidentemente notado como ruim. Entretanto, através dos momentos mais asfíxiantes que ele oferece, podem-se colher reflexões significativamente humanizantes.

Para tanto, no decorrer dessa investigação, foram feitas análises de poemas representativos de Maya Angelou onde as representações do cotidiano fazem morada em alguns versos, estrofes e outros recursos estilísticos. Aspectos importantes, na medida em que atualmente nas sociedades (pós)-moderna a poesia ocupa um espaço muito restrito, quiçá, através do seu enfrentamento contra o lento e contínuo processo de desumanização, mas pela busca pela naturalidade.

Assim entendido, a representação do cotidiano articulado por Maya Angelou é cercado e repleto de gritos, sussurros, arrepios, silêncios e medos e que estão escondidos no íntimo, mas que são capazes de nortear o mais irrefutável homem até a sua grandiosidade humana. Articulações estas, muitas das vezes, demonstrado nos poemas de Angelou por meio da eficácia estética desta poeta estadunidense através de poemas como: *Come. And be my baby* (1993), *The telephone* (1993), *Woman Work* (1993), entre outros.

Os interstícios do cotidiano

Qual homem pós-moderno conseguiria viver sua vida, por mais singela que esta seja, sem que nela não viva o cotidiano que lhe é oferecido? Respondo então esse questionamento apoiado no que um dia foi dito por Agnes Heller (2008). “A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico” (HELLER, 2008, p. 17). Portanto, não há um homem que tenha vindo ao mundo e não tenha desfrutado da vida cotidiana, apesar de quão simples ou enfadonha que essa cotidianidade possa ser. O homem sempre estará inserido dentro do cotidiano e ele não é hábil o suficiente de desligar-se do seu dia a dia, por mais que ele almeje esse divórcio. O mesmo acontece, afirma HELLER (2008), por mais necessário que isso seja, o sujeito (pós) moderno não consegue viver tão somente na sociedade sem que esta lhe domine.

Assim, o homem desde o seu nascimento, o decorrer de sua vida, até a sua morte vive a sua vida cotidiana e o cotidiano deste ser pós-moderno irá interferir na vida, tanto particular como inter-humana, definirá a sua personalidade e, por sua vez, suas ações.

O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 2008, p. 18)

Mas para que haja esse amadurecimento o homem deve aprender a manipular todos os aspectos da vida cotidiana. Ao pensar dessa forma, permite a reflexão de que o cotidiano sendo astuto o suficiente a denotar uma personalidade ao homem, é possível que este aspecto da vida de todo ser pensante também pode modificá-la e transformá-la. Conforme Pais (2003):

O cotidiano não é apenas o espaço de realização de atividades repetitivas: é também um lugar de inovação. A vida cotidiana não é apenas feita de rebotalho.

A própria recusa do cotidiano (a festa, as viagens, as férias...) é a sua reorganização e transformação. (PAIS, 2003, p. 78)

À vista disso, o cotidiano então não poderia ser reduzido a meramente um conjunto de atuações que são realizadas dia após dia, de modo a ser repetitivo. De maneira alguma. Isso reduziria toda a totalidade existente que a vida cotidiana oferece tão generosamente para o homem. Não se nega de forma alguma que essas atividades recorrentes fazem parte do cotidiano.

E é então quando as atividades cotidianas encontram espaço, pois é “por trás da aparente rotina de todos os dias, esconde-se a trama que trança os fatos e o cotidiano é o meio, a via pela qual se chega ao conhecimento real [...]” (FIORIO, 2010, p. 6). Por meio dessas ações que este sujeito produzirá novas perspectivas de vida, novos horizontes se abrirão, refletirá sobre suas condições como ser, quanto aos seus atos e suas emoções. Isto é, nas palavras de Candido (2012) o processo de humanização, qual ele define como um procedimento de oferecer ao homem aquilo que se julga essencial para a vida de uma pessoa: o conhecimento, o direito a reflexão, a sua relação com o próximo e sua compaixão para o mesmo, a facilidade de penetrar nos problemas da vida, o sentir das emoções humanas, o senso da beleza. A tal aspecto, como aponta Heller (2008):

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo ao que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana; a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. (HELLER, 2008, p. 18)

Logo, o cotidiano de pessoas mais favorecidas é diferente dos que não tiveram muitas oportunidades, o cotidiano daquele que exerce uma profissão não será a mesma de outro. Devido à pluralidade dos seus protagonistas, o cotidiano é multifacetado, ou seja, a vida cotidiana é diferente e é aceita de forma distinta pelo homem. Há aqueles que aceitam o cotidiano de peito aberto, pois a cotidianidade lhe faz bem; mas também há aqueles que não se encantam pela sedução humanizante da vida rotineira, pois esta não lhe agrega bons sentimentos.

Isto posto, o cotidiano analisado e observada a poética de Maya Angelou, distancia-se completamente daquele cotidiano grandemente agradável e que tão bem é

abraçado pela sociedade (pós)moderna. O cotidiano a qual se é referido aqui é o cotidiano desanimador e desgastante, o enfadonho. Aquele cotidiano que embora não apresente nada de novo, por mais monótono que possa ser, ou o contrário disso, é tão poderoso a reduzir o homem a algo tão pequeno comparado ao sentimento de impotência que a vida cotidiana causa.

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo.” (CERTEAU, 1996 p.31)

E nessa rotina do dia a dia o tempo presente se tornar o opressor, pois é este o momento o qual o sujeito está fadado a viver as ansiedades tão frustrantes que a vida cotidiana propaga. E essas incertezas, de quando ele então se sentirá livre dessa sua condição, chega ao ponto de oprimir. E o futuro então é visto como o salvador da pátria e, portanto assume uma nova significação e responsabilidade. É nesse tempo, o que ainda vai acontecer, que são depositadas todas as esperanças e desejos.

A poética Angelouana

Assim delimitado, o objeto de estudo aqui é o cotidiano pesaroso, que muito embora os dias se passem, nada de novo se faz presente. A extrema e agonizante repetição das mesmas coisas e dos meus sentimentos. Ou seja, o cotidiano que se refere aqui é “o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar.” (PAIS, 2001, p. 28). Mas é por meio dessa ausência de algo novo que o sujeito é possível de identificar significados e resistência quanto a sua condição.

Ora, se o cotidiano é hábil a conceder reflexões ao homem nas suas mais diversas experiências de vida, a vida cotidiana então seria uma literatura. Sendo considerado de bom tom ressaltar, o termo “literatura” que é empregado aqui, parte da mesma aplicação de sentido de CANDIDO (2012). Portanto utiliza-se o termo aqui para a se referir a toda forma escrita, imagética que seja sabiamente eficiente a provocar reflexões aos humanos.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há homem que possa viver sem ela.

isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 2006, p. 174).

O homem (pós)moderno então, não consegue viver a sua vida cotidiana em um momento sem que possa se render um instante sequer, nem que seja somente para si, aos reflexos e as imaginações que o próprio cotidiano oferta. Com isso, A literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”. (CANDIDO, 2006, p. 175) De modo a nos humanizar, porque permite que se viva os problemas da vida e então se construa e faça reflexões sobre os mesmos.

Com isso, a lógica de se trabalhar com poesia aqui surge, pois a poesia “parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender” (BOSI, 1990, P. 142). Ou seja, a poesia hoje foi submetida a falar apenas das sensações e sentimentos e coisas que a sociedade hoje descarta e não deseja para si. De modo a retroalimentar estados/sentimentos humanos como o medo, o desespero, a ansiedade, o luto, a morte e a solidão. Todas essas “palavras-destroços” que expressam uma sensação de reprovação ao homem. E que ao mesmo tempo ele reprova, o torna qualquer coisa, menos humano.

E tão facilmente esse cotidiano foi analisado e identificado em poemas dispersos da poeta Maya Angelou (1928-2014), que julgaria a dizer com muita coragem, que sabe e tem direito necessário a falar sobre o cotidiano e todas as suas tensões. Afinal, Angelou viveu seu cotidiano asfixiante, angustiante e ansioso por toda a sua vida. Foi estuprada enquanto nova, devido a isso se silenciou por longos anos, mas encontrou na literatura razão suficiente a usar suas palavras. Foi abandonada pela sua mãe nos seus primeiros anos, foi motorista, dançarina, cantora, repórter, secretária, mãe, e ativista a favor dos direitos dos grupos minoritários, perdeu pessoas que amava. Ela viveu todos os aspectos que o seu cotidiano lhe ofereceu e aprendeu com todos eles.

E “de fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada.” (CANDIDO, 2006, pag. 177) e é esse articular, essa combinação de palavras, unidas a versos, ou até mesmo ao

título, ou como tão bem pode ser pela estruturação do poema, que agraciará com essa coerência.

Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. (CANDIDO, 2006, p. 178)

E a compreensão dos significados acontecem porque a organização poética permite uma reorganização e uma maior sistematização dos nossos sentimentos, e por sua vez, uma visão de mundo muito mais clara. E por meio dessa eficácia estética Maya Angelou (1928-2014) exprime as possibilidades existentes de cotidiano na sua lírica primordial.

Cotidiano: onde habitam as solidões, as incertezas e o desejo pelo descanso

Angelou (1928-2014) compôs incontáveis poemas, dos mais longos aos mais curtos, e muito de seus poemas desdobravam-se em torno da mulher, do seu empoderamento, da vida do negro e suas batalhas e preconceitos sofridos. Mas para, além disso destes importantes pontos, foi analisado de forma crítica a inclinação que Maya Angelou tem em trazer a vida cotidiana, suas situações e suas tensões no leito dos seus poemas.

E em uma dessas obras que carrega a representação do cotidiano, pode ser citado o poema *The telephone* (1993). Neste poema, Angelou nos apresenta um eu- lírico que está prostrado diante de um aparelho telefônico a espera de ligação qualquer.

*It comes in black
and blue, indecisive
beige. In red and chaperons my life.
Sitting like a strict
and spinstered aunt
spiked between my needs
and need.
[...]
From Monday, the morning of the week,
through mid-times*



*noon and Sunday's dying
light. It sits silent.
Its needle sound
does not transfix my ear
or draw my longing to a close.*

Ring. Damn you!

(ANGELOU, 1993, p. 64)

No primeiro momento do poema, o telefone é comparado a uma tia solteirona que leva a sua vida a fazer renda. Essa ação, de aguardar por uma ligação qualquer, aparenta ser algo diário, principalmente no fim do poema quando ocorre uma quebra de tempo indicando a passagem de dias: *From Monday, Sunday's dying light*. O verso *chaperons my life* também possui a mesma capacidade, já que *chaperon* que pode se traduzido livremente como pessoa que costuma acompanhar uma mulher que não é casada em alguns eventos sociais.

Pode também apoiar-se em uma dedução, diante da leitura do poema, que o eu-lírico dá voz a representação de uma pessoa solitária, fazendo assim que seu dia a dia se torne solitário da mesma forma, o tornando desanimador. A quebra de tempo transparece isso, ele gasta muito tempo dos seus dias nessa extrema frustração a espera de uma ligação, o que faz pensar que essas ligações possam representar a atenção que ele tanto deseja dos outros para com ele, reforçando muito mais a ideia de que o eu-lírico é realmente sozinho. As pessoas quando são solitárias tem a desejar por atenção, que alguém, em qualquer lugar, lembre-se delas, para que elas não possam se sentir sozinhas.

Assim compreendida, a vida cotidiana de uma pessoa solitária tende a ser afetada pelos seus sentimentos. "O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior." (CERTEAU, 1996 p. 31), é o sentido que se dá a ele vindo de nosso profundo. Por conseguinte, o significado que se atribui ao cotidiano está intrinsecamente ligado ao que se sente. Para os solitários, os dias passam a serem mais longos e adquirem uma tonalidade ao estilo preto e branco. Nada ao redor parece atrativo, por isso, a rotina e o lazer cada vez mais vão se tornando limitado. Um passeio a um bar, um restaurante, uma balada, nada parece satisfazer e livrar o sentimento que habitam neles. E os dias vão

sendo ocupados por coisas cada vez mais fúteis apenas para ocupar o vazio que há nas pessoas e que a própria convivência consigo não consegue preencher.

Exemplificando de maneira direta com o próprio poema, a tia solteirona que vive em seu mundo. Seu cotidiano é fazer renda e crochê, pois nada lhe resta. Pode até ser enfastante essa tarefa, mas se torna a sua rotina de refúgio. Enquanto que para Certeau (1994, p. 142) toda atividade pode ser considerada cultura, mas para que seja considerada cultura é preciso encontrar sentido para quem os realiza. O eu- -poético poderia até ser a própria tia solteirona, mas diferente da tia descrita, na medida em que prefere perder o seu dia frustrando-se em frente ao telefone esperando por uma ligação ao invés de fazer qualquer outra atividade. Ele não foge, porém também não consegue conviver consigo mesmo.

Dessa forma, Angelou nos apresenta o cotidiano de pessoas solitárias, que em seu próprio cotidiano, no realizar de suas atividades achariam razões e motivos para libertar-se das amarras que o cotidiano os prende. Palpita-se talvez que esse poema chegue com a intenção de expressar o quão necessário pode ser o momento de você consigo mesmo, a julgar que a “poesia das sociedades [...] permite avaliar a importância da experiência cotidiana, como fonte de inspiração, sobretudo com referências às atividades e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo”. (CANDIDO, 2012, p. 40). Essas atividades e objetos poderia ser qualquer coisa que compõe o cotidiano, como o próprio não fazer nada, que ainda assim sendo uma recusa de viver sua cotidianidade, não se afasta do conceito da vida cotidiano.

Como estas também poderiam ser oferecidas como os vícios da sociedade, as frustrações, a mídia do medo, como bem se apresentam em *Come. And Be my Baby*.

*The highway is full of big cars
going nowhere fast
And folks is smoking anything that'll burn
Some people wrap their lives around a cocktail glass
And you sit wondering
where you're going to turn.
I got it.
Come. And be my baby.*

*Some prophets say the world is gonna end tomorrow
But others say we've got a week or two
The paper is full of every kind of blooming horror*

*And you sit wondering
What you're gonna do.
I got it.
Come. And be my baby.*

(ANGELOU, 1993, p. 72)

O cenário apresentado no poema acima soa um tanto catastrófico e deprimente. Ao mesmo tempo, evidencia a realidade atual das civilizações por meio de alguns dos seus versos, como: *The highway is full of big cars going nowhere fast*, *And folks is smoking anything that'll burn*, *Some people wrap their lives around a cocktail glass*, *The paper is full of every kind of blooming horror*. O poema na primeira estrofe descreve o cotidiano de pessoas que estão sempre fazendo ou buscando por algo, qualquer coisa, mas que não sabe chegar lá ou o que realmente quer. Diz também sobre os vícios que eles encontram e se submetem, a fim de suprimir todas as suas consternações. Já na outra estrofe apresenta um cotidiano no qual quem nele vive, é submetido a conviver com lembretes recorrentes que afirmam ou reafirmam o quão o cotidiano é apavorante.

A princípio, o poema nos oferece a possibilidade de nos colocarmos nos lugares dos carros expressos no primeiro verso *The highway is full of big cars going nowhere fast*. Estamos sempre correndo com tanta velocidade para fazermos as coisas, para conseguirmos as coisas, às vezes nos desdobramos em mil para alcançarmos alguns objetivos na vida e no fim não conseguimos chegar a lugar algum ou até mesmo, parando para uma breve reflexão, não sabemos bem onde queremos chegar, mas ainda assim estamos sempre na extrema pressa.

Em seguida, o poema segue com *“And folks is smoking anything that'll burn”*, *“Some people wrap their lives around a cocktail glass”* destacando os vícios das pessoas, que em muitas vezes se fazem presente para ocupar um espaço causado pelas frustrações da vida. Esses versos unem-se a ideia dos primeiros. Há tantas frustrações existentes na vida humana hoje, pois as pessoas realmente não sabem o querem, não sabe como chegar até seus objetivos ou como alcança-los. O que lhes restam é se render aos vícios, com intenção de cessar suas amarguras. E Consequentemente em algum momento se pergunta *where you're going to turn?* Qual caminho deve seguir, em qual

curva dessa estrada deve virar? Para que enfim deixe esse estado de vida é emocional deprimente.

Enquanto que na segunda estrofe, o cenário muda para uma visão mais apocalíptica com os versos *Some prophets say the world is gonna end tomorrow, But others say we've got a week or two*. Enquanto que no verso seguinte *The paper is full of every kind of blooming horror*, ressaltando o que já foi dito uma vez por PEREIRA (2007, p. 68):

O medo é vendido através da sofisticação tecnológica, o que exige do seu mercado consumidor a constante agregação de acessórios ao *modus vivendi* (muros altos com cercas elétricas, cães de guarda, humanos ou não, sistema panóptico). Deste modo, a leitura dos jornais, os olhares sobre as reportagens televisuais, a escuta do noticiário radiofônico podem comprovar que o difícil é viver a vida cotidiana.

Há uma crescente onda de notícias ruins, que causam desconforto, por meio da mídia, o que então permite perceber, ou que desejam com isso, que a sociedade seja reduzida a apenas medo e a sensação de insegurança. É esse *paper* ou até mesmo por meio dessas mensagens apocalípticas, tão carregadas de sentimentos capazes de causar impotências e medos na (pós)modernidade.

O poema de Angelou (1928-2014) ele exprime o cotidiano poético de pessoas que vive em constante descontentamento com a própria vida, pois tem seu futuro anuviado por grandes incertezas e sentimentos de incapacidade. Um cotidiano que é desconfortante e que mal possa existir alguém que deseja passar todos os seus dias sem expectativas ou sem certezas de algo, a falta de algo novo na vida, de uma novidade, uma mudança. Ao mesmo tempo em que representa o cotidiano corrido e da cidade, em principal da cidade grande. Sempre cheia de carros, pessoas fumando ou bebendo em ruas, em bares, enquanto outros fazem acusações proféticas em praças públicas enquanto alguém ler em uma folha de jornal as notícias de assassinato, assalto, estupros. O que evidentemente não traz bons sentimentos.

No entanto, apesar do cotidiano surgir juntamente quando brotou a existência humana, “Não é demasiado afirmar que o conceito de vida cotidiana, num primeiro

momento, se debruça sobre as condições de vida dos trabalhadores, das condições objetivas da produção capitalista [...]” (PEREIRA, 2007, p. 67). Afinal, o trabalho dos escravos na época da escravidão resumia pesadamente a seu cotidiano. Em uma breve análise, por um momento o poema *Woman Work* (1993), de Angelou (1928-2014), faça uma breve menção a esses tempos inumados de abuso e escravidão, mas que ao mesmo tempo desenha perfeitamente a tela do trabalho na sociedade (pós) moderna. O excesso de trabalho e ausência de lazer e de repouso, a ausência de cuidados.

No poema “*Woman work*”, Angelou apresenta o eu-lírico de uma mulher trabalhadora, que em meio ao seu dia a dia, mesmo tendo filhos para cuidar, precisa se desdobrar muito para realizar todos os seus afazeres diários. Mas muito embora neste poema o protagonismo seja feminino, ainda assim é capaz de não só expressar o trabalho da mulher, bem como o de todo e qualquer ser trabalhador, que precisa trabalhar, para viver.

Assim, o eu-lírico após todo o seu trabalho, sente uma extrema sensação de desânimo, cansaço e, devido a isso, busca refúgio e conseqüentemente um meio de conforto e descanso, onde aparenta encontrar na natureza.

*I've got the children to tend
The clothes to mend
The floor to mop
The food to shop
Then the chicken to fry
The baby to dry
I got company to feed
The garden to weed
I've got the shirts to press
The tots to dress
The cane to be cut
I gotta clean up this hut
Then see about the sick
And the cotton to pick.*

*Shine on me, sunshine
Rain on me, rain
Fall softly, dewdrops
And cool my brow again.*

Storm, blow me from here

*With your fiercest wind
Let me float across the sky
Till I can rest again.*

*Fall gently, snowflakes
Cover me with white
Cold icy kisses and
Let me rest tonight.*

*Sun, rain, curving sky
Mountain, oceans, leaf and stone
Star shine, moon glow
You're all that I can call my own*

(ANGELOU, 1993, p. 153)

Em primeiro momento, é descrita todas as suas atividades, em forma de lista decorada, na primeira estrofe do poema: *I've got the children to tend; / The clothes to mend; / The floor to mop; / The food to shop; / Then the chicken to fry; / The baby to dry; / I got company to feed; / The garden to weed; / I've got the shirts to press; The tots to dress; / The cane to be cut; / I gotta clean up this hut; / Then see about the sick; / And the cotton to pick*. Exclusivamente e unicamente nessa estrofe do poema existe a presença da figura do cotidiano representado. Os afazeres domésticos do eu-lírico faz parte do seu dia a dia, na medida em que vai listando todos eles.

Enquanto que na segunda estrofe *Shine on me, Sunshine; / Rain on me, rain; / Fall softly, dewdrops; / And cool my brow again*. inicia um apelo por algum tipo de refúgio e ajuda, para mantê-lo firme, e que lhe der forças o suficiente para que possa terminar seu trabalho até que chegue o momento em que possa fazer o que tanto deseja. Descansar. O que aparentemente encontra na natureza seu lugar de refúgio. E então continua suplicando a natureza nos versos seguintes da outra estrofe. *Storm, blow me from here; / With your fiercest wind; / Let me float across the sky; / Till I can rest again*. E nesse último verso, após todo o pedido de ajuda e afirma que precisa repousar. Nesse verso mostra o quanto a sua rotina, todas as suas atividades lhe desgasta. E no último verso *You're all that I can call my own*. Entoa seu doloroso lamento de trabalhar tanto que não lhe resta tempo suficiente para si mesmo, restando somente a natureza para ela então chamar de seu.

O poema *Woman work* retrata o cenário exclusivamente de mulheres, mesmo podendo representar o cenário de qualquer ser humano que realiza trabalhos pesados e exaustivos durante todo o seu dia. O cotidiano de pessoas desde o momento que acorda até o momento que se deita não encontram um momento sequer para descansar e usufruir de sua própria vida. E com isso, causam a esses sujeitos uma sensação de extremo desânimo, tristeza, e ainda mais, uma vontade insana de encontrar um refúgio para fugir de todas essas responsabilidades, levando a um ponto de uma angústia absurda. Ademais, representa aquela sensação de não aproveitar todas as coisas que tem, assim como: pessoas, bens materiais, já que as responsabilidades corroem todo o tempo, lhe faltando ânimo ou um momento para aproveitar.

A singularidade entre todos os poemas de Maya Angelou aqui analisados, destaca cotidianos, com diferentes elementos, objetos representativos, mas que possui uma única coisa em comum, a sensação de desânimo e impotente que todos esses cotidianos provocam no eu-lírico, de cada poema, ao passo que demonstra o sentimento de insatisfação e ânsia por mudanças. Tal como, no seu íntimo que evidencia que independente de qual cotidiano se habite, por mais pesaroso e maçante que seja, não faltarão recursos que leve o sujeito a uma breve reflexão ontológica, humaniza, ou que o faça perceber que há ainda esperanças, como mudar o cenário disso tudo, o que fazer. Como diz Angelou “[...] *no matter what happens, or how bad it seems today, life does go on, and it will be better tomorrow.*”

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. ***The complete collected poems of Maya Angelou***. Random House: New York, 1994.

_____. ***I know why the caged bird sings***. New York: Bantam Books, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: **.O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix. 1990.

BRASILEIRO, Antonio. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7Letras; UEFS Editora, 2012

CANDIDO, Antônio. "Direito a literatura". In: **Outros escritos**. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2012.

_____. Literatura e a vida social. In: **Literatura e sociedade**. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2006.

_____. **A invenção do cotidiano: 1**, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

DAMIANI, Amélia Luisa. **O lugar e a produção do cotidiano**. In: trabalho apresentado no Encontro Internacional: Lugar, Formação Socioespacial, Mundo, Anpege. Universidade de São Paulo, setembro de 1994. Pág. 161 a 171.

ELIOT, T. S. **Tradition and the individual talent**. Disponível em: <<http://people.unica.it/fiorenzoiuliano/files/2017/05/tradition-and-the-individual-talent.pdf>>. Acesso em 15 ago 2017.

FIORIO, AFC. **Um breve entrelaçamento entre os fios de Heller, Lefebvre, Pais e Certeau na compreensão da vida cotidiana**. PRÓ-DISCENTE, v. 16, n. 2, 2010.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991

PEREIRA, W. **A comunicação e a cultura no cotidiano**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 32, abril de 2007.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VICTÓRIA, Cláudio Gomes da. **Mergulhando nos rios do Cotidiano: Escola e cultura na vida dos jovens de uma comunidade ribeirinha do Amazonas**. V-Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, 2012.



Recebido em: 01/11/2018
Aprovado em: 08/12/2018